



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de comemoração da venda de 30 mil tratores e 500 caminhões pelo Programa Mais Alimentos e de assinatura de contratos do Programa Minha Casa, Minha Vida Rural

Santa Cruz do Sul-RS, 29 de julho de 2010

Primeiro, eu queria cumprimentar o nosso querido companheiro, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra,

Cumprimentar o nosso querido ministro que acaba de falar com vocês, o companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,

O companheiro Marcio Fortes, que também falou com vocês, ministro das Cidades,

E o companheiro Dulci que, junto com o Guilherme Cassel, tem sido responsável por todas as articulações que nós temos com o movimento social no Brasil, e que acaba de falar com vocês,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Kelly Moraes, prefeita de Santa Cruz do Sul, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidenta da Caixa Econômica Federal, aquela senhora simpática ali da ponta, e contar uma coisa que ela estava me dizendo. Ela estava dizendo para mim e para o Guilherme Cassel: “Nossa, como os pobres daqui são bonitos!”. É verdade, é verdade. Qualquer nordestino que venha para cá, ele vê uma diferença enorme, mesmo em se tratando de pessoas pobres, entre as pessoas do Sul, do Sudeste, com as pessoas do Norte e do Nordeste. Porque tem uma máxima que todo mundo sabe: comeu, ficou bonito; não comeu, não fica tão bonito. E quem passa fome tem mais dificuldade, quem passa fome tem mais dificuldade.



Então, se você andar pela região mais pobre do Sul do país, se você andar na metade Sul do país, do Rio Grande do Sul, que é a região mais sofrida, você vai perceber que ainda assim as pessoas tiveram, na década de 50, um tratamento que nós, no Nordeste, não tivemos. Eu, em se falando de nordestino bonito, sou uma exceção. Isso aqui, falando... Tem um companheiro baiano aqui atrás que, como eu, já somos duas exceções.

Mas, então, é isso. E se for, então, na parte mais forte da agricultura familiar, lá em Santa Catarina, se for para a região de Erechim, se for para a região de Caxias, é que ela vai ver que ela vai pensar que está na Alemanha e não aqui, no Brasil.

Então, é isso, Maria Fernanda, que aconteceu: o Sul e o Sudeste tiveram a oportunidade de comer e de estudar primeiro do que nós, do Nordeste. É por isso que eu lembro de uma pessoa já meio antiga que me dizia que o companheiro Brizola, quando foi governador do estado do Rio Grande do Sul, ele teve um cuidado tão excepcional com a educação que eu penso que a geração que nasceu na década de 60, de 50, sabe a importância que teve a educação neste estado do Rio Grande do Sul. Foi uma coisa muito importante.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Miguel Rossetto, que foi companheiro ex-ministro do Desenvolvimento Agrário, que foi companheiro, agora, designado por mim para ser presidente da empresa da Petrobras que vai cuidar de biocombustível, também foi deputado federal, também foi vice-governador do estado do Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o companheiro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul, que tem muito a ver com o projeto que vocês estão colocando em prática aqui, em Santa Cruz,

Quero cumprimentar, com muito carinho, dom Sinésio Bohn, bispo emérito de Santa Cruz do Sul. Muito obrigado por estar presente, dom Sinésio. Quero cumprimentar... Dom Sinésio, o senhor sabe que esse gordo que está do seu lado, aí, o Mescolotto, ele e o Gilberto Carvalho eram militantes de



igreja e faziam a opção de morar em favela e de participar muito da Pastoral Operária nos anos 70, nos anos 80. Quando eu entrei no sindicato, eles faziam oposição sindical em Santa Catarina e no Paraná, e hoje virou presidente da Eletrosul e deve ter um salário três vezes maior do que o do presidente da República.

Quero cumprimentar o companheiro José Gilberto e frei Sérgio, por meio de quem cumprimento os demais companheiros do MPA,

Quero cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras agricultores da região,

Quero cumprimentar os prefeitos e as prefeitas das mais diferentes cidades que estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros jornalistas que estão aqui,

E quero dizer para vocês da alegria enorme de ter aqui conosco o nosso companheiro, irmão Antônio Sequim. Sequim, o Olívio Dutra estava me dizendo que você tem uma demanda para fazer para o governo federal. Então, é importante que você prepare a sua demanda, ou entregue para o Olívio Dutra, ou entregue ela aqui hoje, porque, aquilo que eu falei na televisão sobre os catadores de papel, não é apenas o que eu penso, é o que eu acredito e o que eu faço. E acho que nós tornamos os catadores de papel, na maioria dos estados brasileiros, cidadãos que não têm mais vergonha de puxar uma carrocinha, que não veem aquilo como uma função secundária, mas, com orgulho, sustentam os seus filhos. E foi por isso que nós, do BNDES, tomamos a decisão de emprestar R\$ 200 milhões, para que os catadores de papéis possam se organizar nacionalmente. Foi por isso que, através de Itaipu, nós fizemos um carrinho, para ninguém precisar puxar mais uma carroçona, um carrinho à bateria, que ela aperta um botãozinho e vai dirigindo nas ruas, para facilitar a vida dos companheiros que catam papel.

Então, se você tem uma demanda, querido, entregue para o Olívio



Dutra, entregue para alguém, para ela chegar na minha mão, para a gente resolver a sua demanda. Lembrando-se que eu tenho apenas cinco meses e dois dias de governo, até o dia 1º de janeiro de 2011.

Segunda coisa que eu queria dizer para vocês, companheiros: eu aprendi muito cedo, do lado de onde eu vim, aprendi para onde eu vou voltar, aprendi a distinguir quem são os meus amigos, quem são os meus aliados, quem são os aliados momentâneos, quem são os amigos momentâneos e quem são aqueles que eternamente vão me chamar de companheiro e eu vou chamá-los de companheiros. E aprendi isso e coloquei isso em prática no meu mandato.

E sei, frei Sérgio, que não foram poucas as vezes em que companheiros como você e outras dezenas de companheiros de qualidade por este país acharam que o governo tinha se desencaminhado, que o governo não ia conseguir construir aquilo que a gente prometia em praça pública. E eu nunca me queixei pelo fato de as pessoas terem dúvida, nunca me queixei. Porque não basta você dizer que quer fazer, é preciso que os resultados comecem a aparecer para que as pessoas comecem a perceber que as coisas foram feitas.

E, tampouco, eu, algum dia, me queixei de qualquer companheiro ou companheira, neste Brasil afora, que fizesse qualquer reivindicação. Até porque eu fui dirigente sindical, eu reivindiquei muito. E quanto mais eu conquistava, mais eu queria. Se um patrão me desse dez em um ano, no outro ano eu queria 15. Se ele me desse um pedaço de carne na refeição, no almoço, em um ano, no outro ano eu queria dois pedaços de carne. E assim eu sei que é a vida. No dia que vocês se contentarem com o que vocês têm, a vida fica monótona. É preciso que a gente esteja sempre querendo melhorar. Na casa da gente é assim: a gente mal acabou de comprar uma televisão, a mulher já vê uma nova e já fala: “Eu quero essa. Eu quero uma bem fininha, daquelas bem fininhas”. Antigamente, a televisão dava para você colocar um vaso desse tamanho em cima. Agora as bichinhas estão tão estreitas que a



gente não coloca nem uma agulha mais em cima, que não cabe. E cada vez mais: “Eu quero um CD mais novo, eu quero...”. A molecada, com computador, então, a gente nem acaba de abrir a caixa do presente, ele fala: “Ah, esse já está velho, eu quero outro”. A vida é assim.

Então, este governo aprendeu a não reclamar das pessoas que reclamam dele. Porque, muitas vezes, um amigo de verdade tem coragem de reclamar, e um traíra não tem coragem de reclamar e finge que as coisas estão bem.

Eu, o maior orgulho que eu tenho, quando deixar a Presidência da República, é poder andar pelos quatro rincões deste país de cabeça erguida, sabendo e tendo a consciência tranquila de que nós fizemos, em oito anos, muito mais do que foi feito em 20 ou 30 anos neste país, mas sabendo, também, que ainda há muita coisa por fazer.

Eu estava falando para o Miguel citar algumas coisas aqui, mas eu vou dar um exemplo: neste estado, aqui, nós fizemos 451 mil ligações elétricas. Este era um estado rico, mas tinha 451 mil famílias que não tinham energia elétrica em casa. Quando nós inventamos o Programa Luz para Todos, em 2004, e começamos a implantá-lo, nós tínhamos uma informação do IBGE de que no Brasil tinha duas mil [dois milhões de] residências sem energia elétrica. Essas duas mil [Esses dois milhões de] residências poderiam significar, se no campo, cada pessoa tem quatro filhos ou cinco filhos, poderiam significar 10 milhões, 11 milhões, até 12 milhões de pessoas.

Quando nós fomos a campo e começamos a fazer, nós descobrimos que além dos dois milhões do IBGE, nós encontramos mais 975 mil famílias que não tinham energia no campo. Então, o que era 2 milhões passou para 3 milhões, três milhões de famílias, três milhões de residências. Ora, três milhões de residências, se morarem, como na minha casa, cinco dentro de casa, já são quantos? Quase 15 milhões de pessoas. Mas vamos supor que o povo está



mais... aprendeu mais, está com o planejamento familiar... só tem quatro. Seriam 12 milhões de pessoas acendendo um candeeiro neste país.

Quando nós tomamos a decisão, dizia-se: “O governo não vai ter dinheiro para fazer”. Então, frei Sérgio, eu quero dar um número para você decorar: nós já colocamos R\$ 14 bilhões, 14, vou repetir: R\$ 14 bilhões. Os estados tinham a responsabilidade de colocar 20% desse dinheiro, a maioria dos estados não colocou, e, ainda assim, o governo federal continuou a fazer o Programa, porque nós entendemos que o cara que mora no meio do mato, na Amazônia tem o mesmo direito de ter a mesma energia que mora um cara da [de um cara que mora na] Rua da Praia em Porto Alegre, em Copacabana ou na Avenida Paulista. Foram R\$ 14 bilhões colocados pelo governo. Foram 1 milhão e 100 mil quilômetros de cabos, de fio. Você sabe o que significa 1 milhão e 100 mil quilômetros de fio? Significa enrolar o planeta Terra 28 vezes. Nós colocamos 6 milhões de postes, tudo de graça. E nós colocamos 860 mil transformadores. Acho que é o maior programa feito em tão curto espaço de tempo, e agora, na Amazônia, como um poste de madeira pesa 390 quilos e, para você levar de barco, você precisa de muitos homens para tirá-lo do barco e muitos homens para colocar o “bicho” em pé, um poste de cimento pesa uma tonelada, precisa de mais homens e um barco maior, nós agora estamos trabalhando com postes de lã de vidro, que pesam apenas 130 quilos, e, aí, três caras como eu, fortes, podem levantar e, se levar o Mescolotto, sozinho ele levanta o poste e coloca lá.

Ora, quando a gente coloca a luz na casa de uma pessoa, o que vem atrás? Vem uma geladeira, às vezes vem uma televisão, às vezes vem um moinho, às vezes vem um liquidificador, às vezes vem um moedor de milho, de cana, de qualquer coisa. O dado concreto é que as pessoas voltaram para a escola; 30% de pessoas voltaram à escola por causa do Luz para Todos no interior deste país.

E muita gente... porque não adianta aquele discursinho nosso secretário



da década 60: “É preciso fixar o homem no campo”. Ora, quem quer ser fixado em campo é estaca! Na verdade, a gente quer morar livremente no campo e, para isso, a gente quer luz elétrica, para isso a gente quer escola, para isso a gente quer saúde, para isso a gente quer transporte escolar para levar nossas crianças à escola, para isso nós queremos garantia de preço para os nossos produtos. É isso que vai fazer a gente voltar a morar no campo, é isso que vai fazer a gente ter vontade de morar a 10 quilômetros da cidade, a 20 quilômetros, vivendo mais confortavelmente do que quem está na cidade, às vezes correndo risco até de não ser assaltado.

A Maria Fernanda é pernambucana como eu. Lá no Nordeste, a gente não está vendo mais jegue. Sabe aquele jeguinho que carregou Jesus Cristo quando era criança, que lá no Nordeste serve para carregar a carga do povo mais pobre? Acabou. Agora o pessoal está... o jeguinho dos caras chama-se moto; agora, em vez de jegue, é moto, moto! O Guilherme sabe, os assessores do Ministério dele e das Emater, que vão dar assistência técnica, não querem mais jegue não, nem cavalo, querem moto. E agora com esse diabo desse frei Sérgio fazendo biodiesel e fazendo álcool, nós vamos encher o tanque das motos e aí vai ter muito mais fiscalização, muito mais assistência técnica e muito mais produção neste país.

Agora, a gente não chegaria aqui se a gente não compreendesse uma coisa: em política, tem que ter uma coisa que nós temos que medir sempre a correlação de força entre o que eu quero e o que eu posso fazer e com quem eu conto para fazer. Se eu não tiver noção de avaliar a correlação de força cada vez que eu quero fazer uma coisa, eu vou quebrando a cara e vou voltando para trás ao invés de caminhar para frente. Veja, nós gostaríamos de fazer muito mais – e eu espero que nos próximos anos a gente faça mais e mais rápido –, mas nós também estamos aprendendo. Porque vocês estão já há algum tempo treinando para fazer isso, e tem que fazer devagar, como se fosse um plano piloto, para ir consolidando cada uma. A segunda já vai ser



melhor, a terceira já vai ser melhor, a quarta vai ser melhor, a quinta vai ser melhor. Daqui a pouco, vocês estão fazendo as coisas perfeitas, tem mercado garantido, a empresa da Petrobras está consolidada, a gente tem preço garantido, e a gente pode dizer, então, que a política deu certo.

Quem sabe organizar cooperativa, sabe que o maior erro da história mundial das cooperativas é quando alguém tentou montar uma cooperativa de cima para baixo. Se um bispo tentar montar uma cooperativa, (incompreensível) com o bispo, com o segundo bispo, com o terceiro bispo, ele não vai dar certo. Ou ele permite que os lá de baixo comecem a montar a cooperativa, errar, quebrar a cara... para poder dar certo, ou não dá certo. A cooperativa é o resultado da evolução da consciência política daqueles que querem ser cooperados. Quando o cara decidir: “Eu quero ir para a cooperativa”, ela dá certo. Mas se eu tentar impor para ele a cooperativa, não vai dar certo nem no Brasil e nem em lugar nenhum do mundo.

Nós tivemos experiência em fábrica. Eu tenho uma fábrica, em São Bernardo, chamada Conforja, muito grande. Ela tinha 3 mil trabalhadores. Ela quebrou. E nós, então, inventamos de fazer uma cooperativa para tocar a Conforja. Ela produz tubo para a Petrobras. Oitenta por cento dos trabalhadores não quiseram participar da cooperativa, preferiram receber a indenização e entrar na Justiça. O que aconteceu? Quem foi para a Justiça ainda hoje não recebeu. E a cooperativa já está com 800 trabalhadores, produzindo com muita capacidade, vendendo para muita gente, e os trabalhadores estão ganhando muito. E cada um que eles contratam, o cara tem um tempo de adaptação para poder virar um cooperado, ele não vira um cooperado assim que ele entra. Ele é um empregado primeiro, até adquirir a condição de ser cooperado.

E assim o Brasil vai evoluindo, assim o Brasil vai crescendo e assim nós vamos nos consolidando e transformando este país em um país cada vez mais rico.



O número que o Guilherme falou aqui, era importante que vocês prestassem atenção. O que está disponibilizado para a Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul, através do Pronaf, na safra 2010-2011, R\$ 3 bilhões e 300 mil, é tudo, é quase um bilhão a mais do que tudo o que foi utilizado no Brasil em todo o ano na safra de 2002-2003. Ou seja, nós estamos fazendo, só para o Rio Grande do Sul, um bilhão a mais do que tudo o que foi feito no Brasil antes de eu chegar ao governo.

Pois bem, e nós podemos fazer mais, porque aprendemos, o povo aprendeu, eu aprendi, Guilherme aprendeu, Dulci aprendeu, vocês, do Movimento, aprenderam, evoluíram, e todos nós estamos percebendo... os prefeitos aprenderam. Porque, quando nós criamos o PAC, que nós começamos a chamar prefeitos e governadores para a gente fazer o PAC, quase nenhum prefeito e nenhum governador tinha projeto, nós tivemos que fazer os projetos. Tivemos que fazer o projeto para poder... e demora anos para fazer o projeto.

Por isso, olha, vir aqui a Santa Cruz, participar da entrega de tratores financiados no Programa Mais Alimentos, Mais Alimentos, é isso? Dez anos de pagamento, dez anos para pagar; três anos de carência. Esse “bichinho” novo aqui, recém-casado, que já pegou o trator dele, ele vai ficar três anos sem pagar nada. Ele vai começar a pagar depois de três anos. Aí ele vai pagar só 2% de juros ao ano e vai ter dez anos para pagar. Então, nós já vendemos 30 mil tratores, agora entramos na era dos caminhões. Porque se o cara está com um trator, tratando a terra, movendo a terra e produzindo mais, ele vai produzir mais, vai ganhar mais, e em vez de ficar carregando em um burrico, ele vai ter um “caminhãozito” para ele poder levar as coisas dele para entregar na cidade, porque, também, nós compramos, da agricultura familiar, 30% de toda a comida da merenda escolar, para a gente poder garantir ao pequeno produtor o desejo, o prazer de viver no campo e ter as mesmas benesses que a gente tem morando na cidade, sem correr o risco.



Portanto, frei Sérgio, eu não podia deixar de vir aqui, Prefeita, frei Sérgio, companheiros, porque falta muito pouco para que eu volte a ser um igual a vocês. E eu sei que eu tenho amigo que é amigo por causa do mandato, eu sei que tem gente que gosta de mim porque eu sou presidente, mas eu sei que tem gente que gosta de mim antes de eu ser presidente, e são esses que são os meus amigos para o resto da vida. E sei que eu construí outros amigos, porque eu aprendi na vida que não adianta a gente ter raiva. Engraçado, a gente só aprende quando a gente fica velho. Quando o cara faz raiva para a gente, que a gente fica com raiva, o cara que faz raiva fica vitorioso, porque você começa a ter azia, a ter gastrite, você só fala no nome da pessoa que te fez mal, você fala em vingança e, aos 64 anos de idade... vocês viram quanta gente torceu para que o meu governo não desse certo? E quanta gente falava: “Por que esse peão metalúrgico quer ser presidente? Esse cara não vai dar certo, isso aqui é lugar para doutor”.

Pois bem, eu, quando terminar o governo, frei Sérgio, você vai poder ter orgulho de dizer que um peão metalúrgico que governou este país é o presidente que mais fez universidade na história do país, mais fez escolas técnicas na história do país. E criei um novo paradigma: quem vier depois de mim vai ter que fazer muito mais, porque senão o povo vai dizer: “Espere aí, aquele torneiro mecânico fez 14 universidades, e quantas você fez?”.

E mais, dom Sinésio, mais: criamos uma universidade latino-americana, com um currículo latino-americano, professor latino-americano e estudantes latino-americanos. E mais: acabamos de aprovar no Senado, eu já sancionei, uma universidade luso-afro-brasileira, na cidade de Redenção, no Ceará, 10 mil alunos, 5 mil africanos, 5 mil brasileiros, que é para a gente pagar a dívida que o continente brasileiro tem com 380 anos de escravidão e de serviço prestado a esse povo pelo povo negro que veio da África como escravo, para ajudar a gente. Então, como a gente não pode pagar essa dívida em dinheiro, a gente paga em solidariedade, a gente paga na formação de pessoas. E tudo



isso só foi possível por causa de vocês.

Se tem um Presidente da República que tem orgulho.. Eu, se pudesse, eu dizia: “Ô Obama, você disse que eu sou ‘o cara’. Eu não sou ‘o cara’, Obama, eu sou o Lula. ‘Cara’ é o povo do meu país, ‘os caras’ é o povo trabalhador daquele país, que acreditou nos momentos fáceis, nos momentos difíceis, e fez com que nós chegássemos aqui”. E eu sei que sem vocês eu não teria chegado aqui.

Por isso, eu quero dizer para vocês: muito obrigado, nos veremos muitas vezes, porque quando eu deixar de ser presidente, aí eu vou ser oposição ao frei Sérgio. Eu vou vir aqui saber se ele está produzindo corretamente, saber se está funcionando direitinho. Ele vai ver o quanto é bom eu no calcanhar dele, ali, falando das coisas dele.

Mas, que Deus abençoe a todos vocês. E que a gente possa continuar trabalhando para que o Brasil seja uma grande nação. E, se Deus quiser, daqui... nos próximos cinco ou seis anos, nós seremos a quinta economia do mundo, e vamos ver todo o Brasil tão bonito, Maria Fernanda, quanto você achou o povo desta região.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)